

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS POPULARES DA REGIÃO SERRANA



Folia de Reis e Mineiro Pau

ORGANIZAÇÃO: CLAUDIO PAOLINO E MARJORIE BOTELHO

Manifestações Culturais Populares da Região Serrana:

Folias de Reis e Mineiro Pau

1ª Edição - Rio de Janeiro - 2015

© 2015 - Instituto de Imagem e Cidadania

ISBN: 978-85-65360-03-6

FICHA TÉCNICA

Organização: Claudio Paolino e Marjorie Botelho

Coordenação de Pesquisa: Marjorie Botelho

Coordenação de Pesquisa Fotográfica: Claudio Paolino

Textos: Ayla Vargens, Brisa Marinho, Dan Gabriel D’Onofre e Marjorie Botelho

Assistentes de Pesquisa sobre as folias: Cláudio Paolino, Ayla Vargens, Inês Gouveia, João da Rocha Ferreira Silva, Mirela Araújo, Maíra Bretas e Stefanie Ezequiel

Assistentes de Pesquisa sobre mineiro pau: Ayla Vargens e Brisa Marinho

Fotografia: Claudio Paolino, Bruno Leão e Vinicius Manhães

Revisão: Guto Rolin e Mariana Aguiar

Capa: Fotografia Claudio Paolino (Bandeira Estrela do Dia – Macuco)

Capa: Bandeira Estrela do Dia – Macuco

Instituto de Imagem e Cidadania Rio de Janeiro

Sítio Córrego de Santo Antonio, s/n - Distrito de Barra Alegre

Bom Jardim – Rio de Janeiro – Cep: 28.660-000

cel.: (22) 99926-1322

e-mail: sobradocultural@gmail.com

site: www.imagemcidadania.blogspot.com

facebook: Ponto de Cultura Rural

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS POPULARES DA REGIÃO SERRANA

Folia de Reis e Mineiro Pau

ORGANIZAÇÃO: CLAUDIO PAOLINO E MARJORIE BOTELHO

1ª edição

Instituto Imagem e Cidadania
Rio de Janeiro
2015

ISBN: 978-85-65360-03-6

Patrocínio:



SECRETARIA
DE CULTURA

Parceria:



Realização:

INSTITUTO DE
IMAGEM
E CIDADANIA



ESTA PUBLICAÇÃO FOI POSSÍVEL POR CONTA DO EDITAL Nº 15/2012 DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DE MUSEUS E INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS DA SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO - SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS.



“Os anjos estão voltando
Vem pra dizer que Deus está chegando
Eu preciso estar presente nessa hora
Pois quando ele for embora
vou pedir pra me levar”

INDÍCE

Agradecimentos	07
Homenagem	09
Introdução	11
Registros da pesquisa sobre as manifestações populares na serra! <i>Marjorie Botelho</i>	
Capítulo 1	33
Ecomuseu Rural de Barra Alegre preservando o patrimônio presente nas áreas rurais	
Capítulo 2	39
“Salve brenhas do Morro Queimado”: um resumo da história de Nova Friburgo e sua importância para a Região Serrana <i>Dan Gabriel D’Onofre</i>	
Capítulo 3	53
Elas na Folia: uma abordagem sobre a participação feminina nas Folias de Reis <i>Brisa Marinho e Ayla Vargens</i>	
Capítulo 4	61
Folias de Reis da Região Serrana	
Bandeira Estrela da Luz do Dia	66
Bandeira Divino Espírito Santo	72
Bandeira Nossa Senhora Aparecida	78
Bandeira Estrela do Oriente Mirim	84
Bandeira Estrela do Dia	90
Bandeira Estrela da União	96
Bandeira Nossa Senhora de Nazaré	102
Bandeira Unido dos Três Reis	108
Bandeira Estrela do Oriente	114
Bandeira Santa Cecília	120
Bandeira Flor dos Anjos do Valão de Barro	126
Bandeira Flor dos Anjos (Cantagalo)	132
Bandeira Irmandade São Cristovão	138
Bandeira Três Marias	144
Bandeira Flor dos Anjos (S. Sebastião do Alto)	150
Capítulo 5	157
Mineiro Pau na Região Serrana	
Mineiro Pau Salinas	158
Mineiro Pau Vieira Batista	162
Mineiro Pau do Café	168



AGRADECIMENTOS

“Deixa a luz do céu entrar
Abre bem as portas do seu coração
E deixa a luz do céu entrar
Deixa a luz do céu entrar
Abre bem as portas do seu coração
E deixa a luz do céu entrar...”

Agradecemos aos mestres e mestras, foliões e foliãs crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, a oportunidade de podermos conviver e registrar o cotidiano das Folias de Reis e do Mineiro Pau da Região Serrana.

Também agradecemos aos pesquisadores, pesquisadoras e fotógrafos que estiveram conosco nesta jornada vivenciando um processo de residência artística em fotografia e museologia social. E à Secretaria de Cultura da Prefeitura de Macuco, que nos acolheu em sua cidade para que pudéssemos realizar as fotografias de estúdio.

E por fim, agradecemos à Superintendência de Museus do Governo do Estado do Rio de Janeiro, por ter estado sempre junto durante todo o processo. Com certeza, este será o primeiro de muitos outros livros sobre as Folias de Reis e Mineiro Pau da região que estaremos produzindo para contribuir com a preservação desta importante manifestação cultural que vem se mantendo viva.



“Jesus quando morreu
Ele se crucificou
Morreu foi para o céu
Para salvar nosso senhor
Aonde ele esta
Ele esta sentando
A direita de deus pai”

Mestre Silvano

HOMENAGEM

O Ecomuseu Rural, que integra o equipamento educativo de cultura Sobrado Cultural Rural, localizado em Santo Antonio, distrito de Barra Alegre em Bom Jardim, homenageia todos os mestres e mestras que resistem Brasil afora, mantendo as manifestações culturais populares vivas!

Gostaríamos de fazer uma homenagem especial ao Mestre Silvino, da Bandeira Estrela da Luz do Dia, de Duas Barras, pelos ensinamentos que compartilhou com aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo. A riqueza da vida está na simplicidade com que vivemos a nossa estadia na terra!!! Viva os mestres e mestras! Viva o Mestre Silvino!

A nossa homenagem fica eternizada na capa deste livro, cuja fotografia é da Bandeira Estrela da Luz do Dia. A bandeira é considerada um dos símbolos mais importantes da Folia de Reis, pois representa o elemento sagrado da companhia. Normalmente as bandeiras são construídas pelos próprios integrantes das folias, que utilizam madeira, panos, imagens dos santos reis e da sagrada família, entre outros, para compor um quadro que posteriormente fica coberto por fitas, véu de náilon, para proteger a doutrina.

A bandeira é tratada por todos com muito respeito durante a gira e os festivais. Os devotos costumam beijar a bandeira, deixar pequenas doações e pedidos. Após o período de Reis, a bandeira fica guardada num lugar onde recebe orações e preces.

Que sua bandeira nos proteja contra as forças do mal, acolha as homenagens e nos dê a tranquilidade para resolvermos os impasses com sabedoria. Com certeza, sua bandeira estará sempre entre nós!

Claudio Paolino e Marjorie Botelho



INTRODUÇÃO

REGISTROS DA PESQUISA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES POPULARES NA SERRA!

Marjorie Botelho¹

Ao longo destes anos, temos realizado uma série de ações voltadas para a valorização das manifestações culturais presentes no interior do Estado do Rio de Janeiro. Essa vivência tem nos permitido acompanhar como algumas famílias resistem para manter viva a cultura que pulsa no cotidiano das comunidades rurais e pelo interior do Estado. As manifestações culturais presentes na região serrana também são compostas principalmente por famílias, amigos e vizinhos, uma característica muito presente nas áreas rurais, onde, na maioria das vezes, os núcleos são formados por famílias agrícolas e empreendimentos familiares rurais.

O envolvimento com as Folias de Reis e com o Mineiro Pau começou quando conhecemos o dono da Bandeira do Divino Espírito Santo, Jorge Castro, e a Escola Municipalizada Vieira Batista, cuja diretora, Elisa Vargens, mantinha um grupo de Mineiro Pau.



¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Pesquisadora do Instituto de Imagem e Cidadania e Gestora do equipamento cultural Sobrado Cultural Rural onde o Ecomuseu Rural está inserido.



Em 2010, iniciamos ao lado do Jorge Castro, sua esposa Ioneida Castro e dos componentes da folia, uma pesquisa que nos permitiu mais do que registrar e documentar o cotidiano dos integrantes da folia, mas conviver e construir afetividade mediada pela memória e preservação deste patrimônio imaterial. Ao longo destes anos, estivemos participando de inúmeras apresentações da Bandeira Divino do Espírito Santo, acompanhando com uma câmera na mão os diversos giros, os Circuitos de Folias de Reis que acontecem pela região Serana, as festas de arremate e os Encontros que a bandeira realiza no Distrito de São José do Ribeirão, terceiro distrito de Bom Jardim, no Estado do Rio de Janeiro.

Em 2011, produzimos o documentário “Saberes e Tradições do Interior do Estado do Rio de Janeiro: Folia Bandeira do Divino Espírito Santo” que compartilha a história, a função e a dinâmica desta folia, através de uma narrativa que permite conhecer mais sobre o envolvimento dos foliões e folioãs com sua devoção e promessas. Esse documentário contribui para conhecermos mais o universo histórico e cultural das folias, servindo inclusive, de material paradidático para as escolas que abordam a importância das manifestações culturais populares.







Como não podia deixar de acontecer, nos envolvemos com outros grupos durante os Circuitos de Folias de Reis da região Serrana, que acontecem anualmente em quase todos os municípios da região, envolvendo folias da própria região e também folias convidadas de outros municípios do Estado do Rio de Janeiro. Essa convivência nos impulsionou a estabelecer parcerias para a produção de livros que compartilhassem um pouco da história das folias de reis presentes na região serrana. Neste sentido essa publicação é a primeira de uma série que estaremos produzindo para contribuir com essa gente que resiste para manter viva a cultura popular.





Há um esforço por parte dos foliões e foliãs mais velhos de estimular e mobilizar a participação das crianças, adolescentes e jovens para aprenderem o “ofício” de seus pais e avós, com o intuito de continuarem com a tradição. Apesar da participação infanto-juvenil nas últimas décadas ter diminuído, podemos constatar que na região serrana há uma presença das crianças, adolescentes e jovens das famílias dos foliões que estão garantindo a renovação geracional. Alguns mestres vislumbram que suas bandeiras continuem na estrada comandada por esta nova geração.







A participação das crianças nos estimulou a apadrinhar a Bandeira Estrela do Oriente Mirim de Bom Jardim, composta de crianças, adolescentes e jovens. Temos realizado registros desta folia nos diversos festivais que ocorrem na região e iniciamos uma campanha de doação de instrumentos que nos possibilitou entregar uma caixa, pandeiro, entre outros.

Em 2011, iniciamos, em parceria com a Escola Municipalizada Vieira Batista, oficinas de Mineiro Pau, para contribuir com a formação que a escola ofertava. Articulamos apresentação artística do grupo durante a realização da Rio+20, que ocorreu em 2012 no Galpão da Cidadania na cidade do Rio de Janeiro, e visitas a grupos de cultura popular, como o Boi Pintadinho da Associação Grupo Sociocultural Cara da Rua, ponto de cultura de Miracema. Desde então, temos tentado identificar grupos de Mineiro ou Maneiro Pau pela região e ministrado oficinas de Mineiro Pau na sede do Ecomuseu Rural.













A pesquisa com as Folias de Reis identificou inicialmente 22 grupos num universo que oscila entre 60 a 80 folias presentes na região serrana. Nesta primeira edição, optamos por compartilhar a história de 15 Folias de Reis e de 3 grupos de Mineiro Pau. Esse trabalho foi realizado com Folias de Reis e grupos de Mineiro Pau ou Maneiro Pau, dos municípios de Bom Jardim, Cordeiro, Macuco, São Sebastião do Alto, Duas Barras, Carmo, Cantagalo e Nova Friburgo. Desta forma, pretendemos contribuir para o fortalecimento da integração entre os municípios da Região Serrana² que possuem uma história de ocupação e de identidade cultural marcada pelas trilhas do ouro, pelo plantio de café, pela malha ferroviária e pelas diversas manifestações artísticas e culturais.

Na Região Serrana, as áreas rurais têm um número considerável de expressões culturais populares que correm o risco de desaparecer, conforme consta no relatório “Notas para um diagnóstico preliminar: A Cultura na Região Serrana” de julho de 2010, produzido durante os encontros municipais de cultura realizados pela Secretaria Estadual de Cultura com vistas à elaboração do Plano Estadual de Cultura. Esse cenário pode ser constatado em manifestações como o jongo, bumba meu boi, Folias de Reis e Mineiro Pau, que a cada ano vem desaparecendo da região serrana por conta das dificuldades de seus donos e mestres em manter as tradições populares, seja por conta das dificuldades financeiras, da falta de apoio das prefeituras, do crescimento das igrejas evangélicas, entre outros.

Mas apesar deste cenário, no Estado do Rio de Janeiro a Folia de Reis ainda está presente na maioria dos municípios, e é considerada a mais importante manifestação cultural imaterial fluminense, estando presente nas áreas urbanas, mas principalmente nas áreas rurais e no interior do Estado. O Mineiro Pau tem sido repassado principalmente pelas escolas da rede pública através de professores de educação física e de outras modalidades que inserem na grade curricular atividades de mineiro ou maneiro pau para contribuir com a preservação desta manifestação.

² A região serrana para a Secretaria Estadual de Cultura é composta pelos municípios de Bom Jardim, Cachoeira de Macacu, Cantagalo, Carmo, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Nova Friburgo, Petrópolis, Santa Maria Madalena, São José do Vale do Rio Preto, São Sebastião do Alto, Sumidouro, Teresópolis e Trajano de Moraes. Essa composição está baseada na deliberação da Plenária da II Conferência Estadual de Cultura realizada nos dias 14 e 15 de dezembro de 2009, na cidade do Rio de Janeiro.

Consideradas como alicerce da cultura tradicional, essas manifestações receberam durante estes últimos anos fomento do Governo Federal e de alguns estados através de políticas públicas que contemplaram grupos de Mineiro Pau ou Maneiro Pau, Mestres de Folias de Reis, grupos ligados às festas populares como a Festa do Divino, o Carimbó, o Boi-Bumbá, o Círio de Nazaré, as Cavalhadas, Pontos de Cultura voltados para cultura popular, entre outros. Colocando assim, na agenda política, a importância da ampliação do papel do Estado no fomento à cultura popular e na valorização do patrimônio cultural imaterial.

Esta publicação é resultado também de uma política pública voltada para o fortalecimento dos museus e museus comunitários. Ela coaduna com a necessidade de continuarmos a dar mais visibilidade para as manifestações culturais da Região Serrana, contribuir com a salvaguarda deste patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro e produzir mais acervo bibliográfico sobre as manifestações populares.

A pesquisa sobre as Folias de Reis foi realizada durante os encontros de Folias que aconteceram no Circuito de Folia de Reis na Região Serrana nos anos de 2013 a 2015. Os circuitos possibilitam aos devotos e também para aqueles que querem conhecer mais sobre Folias de Reis uma oportunidade muito enriquecedora, pois várias folias se reúnem, por devoção ou pagamento de promessa, para celebrar junto ao presépio do município anfitrião, reproduzindo simbolicamente a viagem dos Três Reis do Oriente, que seguiram a Estrela-Guia para procurar o menino Jesus, como anunciavam os profetas e as sagradas escrituras.

Neste período estivemos participando dos Festivais de Duas Barras e de Monnerat, em Duas Barras; de São José do Ribeirão, em Bom Jardim; de Conselheiro Paulino, em Nova Friburgo; em Macuco e em São Sebastião do Alto. Em todos festivais, estivemos utilizando o recurso da linguagem fotográfica para valorizar os participantes no interior de suas tradições, e realizamos entrevistas com os foliões e foliãs sobre o seu envolvimento com a bandeira. Na maioria das vezes convidamos colaboradores do Ecomuseu Rural para participar das equipes de registro e documentação, possibilitando assim, a vivência dos percursos do Ecomuseu Rural.



No 41º Festival de Folias de Reis de Macuco, que aconteceu em 2014, contamos com a parceria da Secretaria Municipal de Cultura de Macuco que acolheu a equipe do Ecomuseu Rural e os parceiros durante o festival para que pudéssemos montar um estúdio fotográfico para documentar as folias para o livro. O Festival foi aberto com a missa realizada pelo padre Wilton Machado na Praça Professor João Brazil, e em seguida aconteceram as apresentações das Folias de Reis. Esse festival é muito importante e tradicional para a cidade de Macuco, sendo um dos maiores do Estado do Rio de Janeiro reunindo Folias de Reis e um grande público para acompanhar as apresentações.

Em 2014, identificamos quatro grupos de Mineiro Pau ou Maneiro Pau, sendo três fomentados pelos professores de educação física, a saber: Escola Municipalizada Vieira Batista e Escola Edmar Benedito Correa, ambos de Bom Jardim, e Colégio Municipal Ceffa Rei Alberto I de Salinas, em Nova Friburgo. E o grupo do Seu Zé Pretinho localizado no município de Duas Barras.

Durante a finalização da pesquisa em 2015, entregamos para as Folias de Reis fotografias emolduradas de suas bandeiras para demonstrarmos nossa gratidão pelo compartilhamento e ensinamentos que mediamos para esta publicação que retrata a resistência cultural destas pessoas que contribuem para a manutenção e preservação das manifestações culturais.





O resultado final desta pesquisa está expresso em quatro partes: apresentação do papel do Ecomuseu Rural na defesa do patrimônio cultural material e imaterial presente nas áreas rurais; artigo sobre relações que levaram à ocupação da Região Serrana do Rio de Janeiro e seus impactos na dinâmica sociocultural e econômica local, valendo-se de dados econômicos, sociais e culturais; artigo que aborda os aspectos referentes às questões de gênero presentes nas manifestações populares estudadas e artigos com registros fotográficos das Folias de Reis e grupos de Mineiro Pau.

ECOMUSEU RURAL DE BARRA ALEGRE



AGENDE

Visita guiada para conversar com mestres de tradição oral, para conhecer moinho d'água para produção de fubá, forno a lenha para produção de broas, conhecer fazendas antigas e o cotidiano da roça. Oficinas de educação patrimonial através das artes visuais para aprender como registrar a sua comunidade.

O Ecomuseu Rural integra o equipamento educativo de cultura Sobrado Cultural Rural, um ponto de cultura rural,

localizado na comunidade agrícola de Santo Antonio, Barra Alegre, em Bom Jardim, interior do Rio de Janeiro. As ações são voltadas para valorizar e fomentar a preservação do patrimônio cultural presente nas áreas rurais.

CAPÍTULO 1

ECOMUSEU RURAL DE BARRA ALEGRE PRESERVANDO O PATRIMÔNIO PRESENTE NAS ÁREAS RURAIS

Somos uma organização rural situada no vilarejo de Santo Antonio, Distrito de Barra Alegre em Bom Jardim no Rio de Janeiro. O Município de Bom Jardim, com aproximadamente 25 mil habitantes, está localizado no interior do Estado do Rio de Janeiro, possui quatro distritos, entre eles o Distrito de Barra Alegre, considerado um dos mais rurais. Atualmente o Distrito de Barra Alegre tem sido identificado como o novo distrito industrial, e por isso, tem recebido um conjunto de fábricas que estão se instalando nas proximidades de sua sede. Isso tem acarretado um processo de descaracterização da identidade local, pois muitos agricultores estão indo trabalhar nas fábricas, muitas pessoas estão vindo de outras regiões do país, vários empreendimentos imobiliários estão surgindo, o poder público local não está mais renovando as parcerias com as organizações voltadas para a educação do campo, entre outros.

Nestes territórios rurais encontramos várias pessoas que trazem consigo conhecimentos adquiridos através da oralidade, ou seja, que aprenderam com seus pais, que haviam aprendido com seus avôs e assim sucessivamente. E são muitos esses conhecimentos: feitura da broa feita com fubá do moinho d'água; produção de remédios caseiros, feitos com as ervas encontradas na floresta; produção de sabão feito com gordura de porco; feitura dos doces em compota, com frutas retiradas do próprio pomar; confecção das quissambas, cestas produzidas com uma espécie de bambu; entre outros. Sem deixar de ressaltar as manifestações culturais que resistem no tempo, como as Folias de Reis, o Mineiro Pau e o Boi Pintadinho.

Esses conhecimentos precisam ser disseminados e valorizados, pois os processos de produção estão cada vez mais automatizados, acarretando o desaparecimento das formas tradicionais e caseiras de produção. Os mais antigos dizem que broa fica boa, somente quando o fubá vem dos moinhos d'água, pois o atrito do milho com a moenda é quem faz o gosto do verdadeiro fubá, porém, o que se percebe é o desaparecimento destas engenhocas, pela facilidade que temos em comprá-los nos supermercados.

Com o intuito de contribuir para que a transformação em curso no Distrito de Barra Alegre preserve a identidade rural desta região, temos estabelecido parcerias com o Ministério da Cultura, a FUNARTE, o IBRAM, a Superintendência de Audiovisual, de Leitura e Conhecimento, Cultura e Comunidade, Museus e com o INEPAC, através da participação em editais que têm nos possibilitado realizar ações de grande valia para a salvaguarda deste importante patrimônio cultural existente no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Nossas ações estão voltadas para o fomento à leitura e as artes em geral, para a preservação do patrimônio cultural material e imaterial presente em áreas rurais e para incidência política de políticas culturais para áreas rurais. A preocupação com a valorização e preservação dos saberes e fazeres presentes em áreas rurais, o modo como vivem as comunidades tradicionais, a importância do “modus operandi” do campo, tem sido norteadores das ações desenvolvidas pela organização.

Em 2009, iniciamos a construção do espaço educativo de cultura conhecido como Sobrado Cultural Rural que possui um conjunto de estruturas como: Biblioteca Conceição Knupp Amaral, homenagem às mulheres do campo (*in memorian*); Galpão de Artes Mafort, homenagem à família que nos ajudou a construir esse equipamento cultural e aos agricultores familiares; Biblioteca de Artes Visuais Armando de Barros, homenagem ao professor doutor Armando de Barros da Universidade Federal Fluminense (*in memorian*) que contribuiu para a ampliação do nosso olhar sobre as artes visuais e o Ecomuseu Rural de Barra Alegre constituído por um acervo de fotografias, vídeos e objetos sobre os saberes e fazeres rurais e também por percursos que envolvem fazendas

antigas, mestres e mestras de cultura popular, cachoeiras e áreas de preservação ambiental.

Entendemos que as ações museológicas devem estar dialogando com diferentes linguagens artísticas para estimular a criatividade e uma visão crítica de mundo, por isso, todas as ações, sejam elas de fomento à leitura e às artes em geral, de incidência política para a garantia de políticas públicas para as áreas rurais e de preservação do patrimônio material e imaterial, se entrelaçam na busca pela garantia do direito à cultura, em sua dimensão do acesso, da produção e da fruição cultural e da preservação da diversidade cultural do nosso país.

Neste sentido temos desenvolvido ações voltadas para a valorização e o reconhecimento dos mestres de saberes populares, de fomento a preservação da cultura presente em áreas rurais, através da produção de documentários e livros e da realização de oficinas de educação patrimonial. Esse conjunto de ações, aliados a participação em redes, como a Rede de Museologia Social, a Rede de Pontos de Memória, a Rede Brasil Memória em Rede, e em Fóruns como o Fórum de Museus e o Fórum dos Pontos de Cultura (Programa Cultura Viva) nos possibilita colocar na agenda pública a importância de políticas culturais voltadas para áreas rurais.

Integramos a rede de mestres e grãos do Ministério da Cultura, que reconheceu Everaldo Mafort, Mestre Toninho, agricultor, nascido em Santo Antonio, Bom Jardim e a ação que realizamos nas escolas públicas estimulando as crianças e adolescentes a interagirem com o universo do agricultor, desde o plantio até a construção das quissambas com taquara, como uma ação voltada para a preservação da tradição oral.

Desenvolvemos oficinas para crianças e adolescentes de fotografia artesanal, utilizando caixas de sapatos e/ou latas de leite para registrar a memória da comunidade. Essa ação envolve um processo pedagógico reconhecido pela UNESCO como “alfabetização do olhar” que fomenta a leitura visual e a educação patrimonial utilizando a fotografia como suporte pedagógico. Essa ação também foi reconhecida pelo Ministério da Cultura como Ponto de Leitura e pela FUNARTE como Biblioteca de Artes Visuais.

Temos realizado a ação Trilhas pela Memória Rural, registrando histórias de vida dos moradores que vivem no campo. Essa iniciativa já registrou mais de 20 histórias de vida, entre elas destacamos: o documentário “Saberes e Tradições Culturais Rurais” que relata a trajetória da Folia de Reis do Divino Espírito Santo de Barra Alegre, importante manifestação popular, presente no Estado do Rio de Janeiro; o documentário “Rezas e Ervas” realizado em parceria com o ponto de Cultura Mãos de Luz que retrata o processo de produção da pomada milagrosa produzida pelos mestres de tradição oral, erveiros e rezadeiras, do Grupo Grãos de Luz, do distrito de Lumiar, em Nova Friburgo e a Coleção Saberes e Tradições Rurais, em sua terceira edição, que retrata diferentes situações vivenciadas no cotidiano dos moradores de áreas rurais, tais como: a feitura de broa no forno a lenha envolvendo diversas gerações de uma mesma família; a preocupação com o reflorestamento e com uma agricultura sustentável; a participação de moradores na construção do vilarejo; a vida dos agricultores no campo; a produção de remédios caseiros com ervas medicinais, entre outros. Esses documentários foram produzidos em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura e o IBRAM.

E por fim, destacamos a parceria iniciada com o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) do Estado do Rio de Janeiro em duas importantes ações de valorização do patrimônio cultural material e imaterial das áreas rurais do interior do Estado do Rio de Janeiro, a saber: a produção do livro “Agricultores do Estado do Rio de Janeiro” e o inventário “Patrimônio Cultural Rural de Barra Alegre”.

O livro conta com histórias da colonização da região serrana através da trajetória de vida de cinco famílias do Distrito de Barra Alegre e um acervo fotográfico sobre os modos de vida desta população, compartilhando formas tradicionais e artesanais de produção e estilos de vida típicos dos moradores de áreas rurais. É um desdobramento dos registros e entrevistas realizadas com moradores de áreas rurais que compartilham como era o tempo antigo e como é viver no campo. As entrevistas, normalmente, envolveram os donos da casa, vizinhos, parentes, entre outros e se constituíram como momentos de compartilhamento desta gente

do campo que quer também ser ouvida, que tem também o que falar e que, apesar de estarem antenados com as mudanças do mundo, querem preservar formas tradicionais para sobreviver.

O inventário “Patrimônio Cultural Rural de Barra Alegre” descreve sobre o período de colonização do distrito de Barra Alegre e a importância histórica e arquitetônica presente no fim do século XIII e início do século XVIII. Foi construído com a parceria da Associação dos Moradores e Produtores Rurais e Artesãos de Barra Alegre e com o Colégio Estadual Leopoldo Oscar Stutz. Tendo sido constituído pela catalogação de bens móveis e imóveis, que expressam a herança histórica, artística e cultural dos modos de vida, presentes nos principais vilarejos do distrito de Barra Alegre. Um dos distritos mais rurais e que, atualmente, tornou-se o novo polo industrial do município.

Nesta oportunidade, damos prosseguimento à produção de acervo sobre a cultura da roça com o livro “Manifestações Populares: Folia de Reis e Mineiro Pau” que foi produzido através do patrocínio da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro com o objetivo de contribuir para a preservação destas importantes manifestações populares que se configuram como um movimento cultural e popular de resistência.



CAPÍTULO 2

“SALVE BRENHAS DO MORRO QUEIMADO”: UM RESUMO DA HISTÓRIA DE NOVA FRIBURGO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A REGIÃO SERRANA

Dan Gabriel D’Onofre

A Região Serrana do Rio de Janeiro, também chamada de Serra Fluminense, é uma invenção política, cultural e social que impacta a forma como os seus habitantes se organizam. O poder dessa invenção une diversos fluminenses em torno de questões que incidem na forma como a região se identifica dentro do mosaico cultural fluminense. O intuito deste texto é dar conta de aspectos importantes no que diz respeito à história da região, tendo como destaque o município de Nova Friburgo. De forma sucinta, o objetivo deste texto não é esgotar os principais fatos, mas trazer quais são as relações que levaram a ocupação da Região Serrana do Rio de Janeiro e seus impactos na dinâmica sociocultural e econômica local, valendo-se de dados econômicos, sociais e culturais.

A Serra Fluminense, ao contrário das demais regiões do Rio de Janeiro, teve tardia ocupação liderada pelos europeus e seus descendentes, seguida de sua integração ao território fluminense. Ainda no século XVI, o que hoje é o estado do Rio de Janeiro teve sua costa marítima ocupada pelos conquistadores portugueses que ao se intercruzarem com os nativos da terra formaram os primeiros fluminenses. Composto por três grandes baixadas, o território fluminense também forneceu pau-brasil e outras madeiras de lei para a metrópole portuguesa, o que pode ser considerado como o início de sua ligação mercantil global (LAMEGO, 1963).

A partir do século XVII, inserira-se a cultura da cana de açúcar nas baixadas do Rio de Janeiro, com destaque à Baixada Campista. O ciclo da cana de açúcar foi a primeira grande riqueza agrícola e industrial

do Brasil Colônia, cujo auge fora os séculos XVI e XVII, cessado apenas pelas desvantagens comerciais das colônias açucareiras holandesas no Caribe e Ásia. Mesmo ao se tratar da economia açucareira, cujos engenhos nordestinos eram majoritariamente responsáveis pela produção, o Rio de Janeiro teve importância devido ao fato de, durante as invasões holandesas às capitâneas nordestinas, o açúcar fluminense ter abastecido o comércio com a metrópole portuguesa. Ao gosto de onde a cana melhor se adaptara, estabeleceram-se os engenhos e toda a dinâmica de funcionamento. As várzeas, os solos aluviões, as planícies fluminenses em geral, experimentaram o desenvolvimento das primeiras cidades, tendo em sua maioria datas de surgimento, anteriores às localidades serranas (LAMEGO, 1963).

Com a constatação da existência de reservas auríferas e de pedras preciosas em Minas Gerais, todo produto ali extraído tinha como destino Portugal. Tal acontecimento foi capaz de deslocar do Nordeste ao Sudeste o poder econômico e político do Brasil Colônia. Assim, a inexistência de litoral em Minas Gerais fez com que caminhos interligassem as jazidas aos portos fluminenses, feito capaz de trasladar a capital de Salvador ao Rio de Janeiro em 1763. Lamego (1963) revela que primeira rota terrestre era o aproveitamento de um caminho indígena (*peabiru*) do povo Guaianás que ligava Ouro Preto (na época, Vila Rica) a Paraty. Dali, seguia por mar até o Rio de Janeiro. Essa rota, também conhecida como Caminho Velho, apresentava problemas devido ao fato de o percurso marítimo estar vulnerável aos ataques de saqueadores nas Baías de Ilha Grande e de Sepetiba. Esse fator será o início para a Serra Fluminense integrar-se à dinâmica socioeconômica do Brasil Colônia.

Lamego (1963) afirma que o Caminho Novo surgira em 1707 como a via mais curta entre as áreas mineradoras ao porto do Rio de Janeiro. Ambos os caminhos são conhecidos como a Estrada Real e, apesar de cruzar a Serra fluminense, o Caminho Novo apenas funcionava como uma via, não constituindo um fator efetivo de ocupação. A localidade em questão haveria de aguardar um fenômeno revolucionário capaz de trazer degradações, inovações e efetuar seu soerguimento não apenas no cenário nacional, mas também em todo mundo. Chegava o café.

Apesar dos duzentos anos de atraso quanto à sua ocupação, a Região Serrana fluminense teve seu povoamento regido pelas elites coloniais e integração socioeconômica à dinâmica vigente no Brasil Colônia por intermédio da cafeicultura. Tal novo fator agrícola foi responsável pela equiparação da Serra Fluminense ao dinamismo econômico que as demais regiões estaduais já usufruíam (LAMEGO, 1963). A exaustão das jazidas de ouro e diamantes colocara em risco as finanças da Corte portuguesa, a qual se instala no Brasil a partir de 1808. Somente com a vinda de mudas de café muda-se parte da estrutura socioeconômica do Brasil, a alterar em poucas décadas a paisagem humana, a cultura, além de inserir a Serra Fluminense no cenário mundial.

Em terras fluminenses, Lamego (1963) aponta que o início do cultivo do café se deu nos arredores do Rio de Janeiro no início do século XIX, nos sítios e chácaras do subúrbio carioca. Alcançou a maioria das cidades e plantações da baixada. Logo, o café passou a competir com a cana, apesar de os produtores na época notarem que aquele gênero possui comportamento distinto dessa. Lamego (1963, p. 06) revela que “[...] o café é por excelência um trepador, um inveterado escalador de serras”. A rugosidade do solo, assim como a altitude, naturalmente eram empecilhos à expansão do cultivo da cana de açúcar, o qual era praticado principalmente em baixadas relativamente próximas aos portos que comercializavam com Portugal. As condições climáticas e topográficas serranas foram as prerrogativas à expansão da última fronteira agrícola fluminense: os cafezais se alastraram pela Serra Fluminense. Mudanças no hábito de consumo elevam o café tanto como produto de luxo à elite Ocidental, como o “combustível” da massa operária das economias industriais europeias. Assim, iniciou-se a corrida pela expansão da lavoura cafeeira no Brasil. Toda essa conjuntura internacional, somada aos fatores que privilegiam o desenvolvimento da cafeicultura, determinaram a ocupação e integração da Região Serrana do Rio de Janeiro ao comércio exterior.

Além das características inerentes à topografia de regiões montanhosas, Lamego (1963) revela que o principal fator que complicara a ocupação da Serra Fluminense fora a imensa massa vegetal que a

encobria. A elevação do preço do café nos mercados europeus, assim como o emergente mercado consumidor estadunidense que não desejava comercializar com as colônias e mercados de sua antiga metrópole, a Inglaterra; além da ambição dos senhores de engenhos das baixadas do Rio de Janeiro impeliram uma onda migratória à Serra Fluminense. A corrida pelo alcance do mercado externo deslocou para a região a estrutura social até então vigente, onde os latifundiários gerenciavam o território e o comércio, africanos e seus descendentes na condição de cativos davam seus braços e técnicas para desbastar a floresta, a iniciar o cultivo do café. Nunca antes se vira tamanha destruição do patrimônio natural. Pelas palavras de Lamego,

Na Serra, entretanto, a ofensiva do café contra a floresta foi repentina e acelerada. O machado precedera ali, ademais, o gado, impossibilitando o transporte da madeira, e, a rapidez do plantio dos grandes cafezais [sic] cada vez maior com a crescente invasão serrana a partir dos começos do século passado, resultou na derubada em massa do matagal sem uma seleção e um corte inicial das espécies vegetais de valor pela durabilidade. As mais preciosas madeiras de lei incineravam-se em queimadas formidáveis que tudo consumia. Jamais o mundo vira um desperdício tão completo de uma flora tão valiosa devorada em turbilhões de fumo e chamas. (LAMEGO, 1963, p. 92).

Além do extermínio das espécies vegetais, os povos originários, sobretudo puris e coroados, que ainda resistiam na região, foram dizimados ora pelo combate, ora pelas doenças que os fluminenses levavam consigo (VIEIRA, 2000). Durante o período imperial, a Serra Fluminense apresenta a maior síntese das enérgicas atividades do povo brasileiro, a elevar a então Província do Rio de Janeiro como a mais lucrativa entre as demais unidades da federação. O fluminense, elemento humano resultado do entrecruzamento entre os indígenas, portugueses e africanos, ao chegar a Serra leva consigo os costumes que adquirira nas terras baixas, como o apego ao cultivo da cana e a produção da aguardente que já eram desempenhados há cerca de 200 anos, embora em menor quantidade quando comparado às regiões de origem (LAMEGO, 1963).

Lamego também afirma que o advento da expansão cafeeira na Serra Fluminense também insere novos costumes aos cafeicultores. Afrancesaram-se os hábitos culturais, arquitetônicos e gastronômicos. A partir de 1819, novos elementos humanos vão compor o mosaico étnico fluminense: inicia-se a imigração organizada pelo Estado. Por conta de ter abrigado a Corte portuguesa na América, o Rio de Janeiro teve a primazia de abrigar o fluxo de imigrantes das mais diversas partes do globo terrestre. Os primeiros não lusitanos que vieram para o Brasil de forma organizada foram os chineses. Em 1812, o Senador da colônia portuguesa de Macau, Raphael Bottado de Almeida, envia ao Horto Real (atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro) as primeiras mudas de chá (*Camellia sinensis*). A fim de iniciar o cultivo para abastecer o mercado europeu, D. João VI traz cerca de 300 chineses para iniciar o cultivo de chá no ano de 1814 em fazendas de nobres locais (INSTITUTO DE PESQUISA DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO, 2012).

Na Serra Fluminense, o processo iniciara com a vinda dos suíços em 1819. Logo após vieram os alemães, italianos, espanhóis, portugueses, finlandeses, japoneses, libaneses, turcos... Todos esses povos vêm a somar para o processo de formação da cultura serrana do Rio de Janeiro, os quais em situação de entreechoque cultural assimilaram o espírito de brasilidade. Tal senso fora somente possível com a centralização do poder imperial, visto que a coesão em torno da Coroa manteve o Brasil unido contra risco de cisão em pequenas repúblicas, cujo senso emanava, sobretudo, a partir do Rio de Janeiro (LAMEGO, 1963). Vale salientar que o cimento que possibilitou tal efeito foi o café, cujos frutos guarneciam os cofres imperiais, permitiram o desenvolvimento da indústria, das comunicações, além de soerguer a Serra Fluminense no cenário mundial.

A vinda dos imigrantes suíços para a Região Serrana fluminense é o embrião do modelo da agricultura em pequena escala para a comercialização no Brasil. O Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves acolhera esses europeus vitimados pelo desastre ambiental que se sucedera em esfera global. Em 1815, o vulcão indonésio Tambora entrara em atividade de 5 a 10 de abril. A quantidade de gases liberados na at-

mosfera resfriara o planeta de tal maneira que, na Europa, o ano de 1816 ficara conhecido como o “Ano sem Verão”. A fim de elucidar o poder do Tambora, o Índice de Explosividade Vulcânica (VEI, sigla em inglês) classificou sua erupção como super-colossal, com pluma acima de 25 km de altura, emissão de 100 a 1.000 km² de piroclastos (fragmentos de rochas sólidas) e duração superior a 12 horas (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI, 2012).

A maior explosão vulcânica ocorrida em tempos modernos atingira principalmente a Suíça, visto que a maior parte de seu território está situada nos Alpes, acima dos 1.000 metros do nível do mar, tornando-se propenso à acumulação de gases. Os impactos desse fenômeno ambiental repercutiram no território suíço de forma que

Se as condições eram ruins para as indústrias, pior ficava a situação da grande massa trabalhadora, diante da grave crise alimentar que se seguiu. Veio, então, a fome e a penúria. O lado oriental da Suíça foi impiedosamente atingido. Nos Cantões industrializados e em certas regiões de Thurgau e Zurique a maioria da população não tinha absolutamente nada com que se alimentar. Em 1817, St. Gallen registrou 5 mil mortes provocadas pela fome e desespero. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI, 2012).

A administração de D. João VI além de ter financiado a viagem dos colonos suíços a Nova Friburgo, ceder terras, animais, sementes, alimento e dinheiro para que estes imigrantes pudessem se manter até sua estabilidade (HECHT, 2009). Ou seja, esses imigrantes foram recebidos pelo governo real, o qual estava enquanto anfitrião. Dessa forma, a vinda desses imigrantes suíços abriu parte da frente de ocupação da Serra Fluminense. Atualmente, os descendentes desses imigrantes, vivem em propriedades rurais espalhadas pela Região Serrana do Rio de Janeiro, bem como em áreas urbanas.

A região apresenta uma forte confluência cultural na região, pois muitos mineiros, que deixaram as regiões de extração mineral, as quais se encontravam exauridas por volta do século XIX, também povoaram as atuais terras da Serra Fluminense (PELLOSO, 1977; MACHADO, 1999). Tal realidade presta-se, inclusive, para constatar uma influência recípro-

ca na constituição de uma identidade sudestina onde a fronteira natural representada pelo Rio Paraíba do Sul não separa, mas une. Tal assertiva assenta-se em elementos hipotéticos que comprovam a existência de continuidades culturais na região, visto que quando a maior parte dos municípios serranos ainda pertencia a Cantagalo (do século XVI ao XIX), além dos mineiros que vieram a ocupar a área de garimpo em plena Serra Fluminense, o Rio Paraíba do Sul se constituía na principal via de ligação para com o litoral. Esse dado se presta para confirmar que muitas das famílias que hoje ocupam a região serrana do Rio de Janeiro possuem origens no Norte Fluminense, bem como o Sul Capixaba (D'ONOFRE, 2013). Outro fato para estabelecer esse ponto para a confluência cultural do sudeste brasileiro é que durante o início da conquista portuguesa do território em questão, de 1536 a 1615 houvera a Capitania de São Tomé que compreendia o que hoje é o Sul do Espírito Santo, o Norte do Rio de Janeiro, bem como o baixo Paraíba do Sul e a Zona da Mata Mineira. A partir de 1615, a capitania passa a se chamar Paraíba do Sul, a qual em 1752 fora incorporada à Capitania do Espírito Santo. O território que então compreendia a extinta Paraíba do Sul retorna ao domínio do Rio de Janeiro em 1832 (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE, 2012).

Segundo Corrêa (2008), Nova Friburgo foi concebida como um projeto de colonização regido pessoalmente por D. João VI no início do século XIX. A região de clima ameno e seco recebeu os 1.662 suíços no final de 1819, embora já houvesse fazendeiros instalados, com destaque a Antônio Clemente Pinto, o barão de Nova Friburgo, assim como descendentes de africanos e indígenas.

O governo ficou responsável diretamente pela administração da primeira colônia de imigração não lusitana, distribuindo terras, animais, sementes e outros artefatos necessários para o estabelecimento dos suíços. Contemporaneamente, um édito real desmembrara a localidade da Fazenda do Morro do Queimado, a qual pertencera a Cantagalo, em Freguesia de São João Batista da Vila de Nova Friburgo, homenagem à procedência dos colonos suíços [Fribourg], (CORRÊA, 2008, p. 45). Todavia, após a Revolução Liberal portuguesa de 1820, D. João VI se viu obri-

gado a retornar a Lisboa. O fato de o monarca lusitano ter de retornar a Portugal fez com que os suíços se vissem num ambiente que não favorecera suas demandas. Outros problemas, como a distribuição de terras, foram o ápice para que a colônia não lograsse sucesso, pois

A desigualdade na distribuição de terras, algumas de todo incultiváveis, consistindo em encostas e picos muito escarpados, fez com que somente uma minoria de colonos permanecesse nas fazendas. A população de 1.662 suíços em Nova Friburgo, em 1820, ficou reduzida a 632 em 1830. Alguns colonos migraram para Cantagalo e outros para a região de Macaé de Cima (CORRÊA, 2008, p. 47).

Corrêa (2008) revela que a diáspora dos suíços pelas cercanias pode ser caracterizada como a falência do projeto de colonização suíça em Nova Friburgo. Com a assinatura da Lei Áurea de 1888, o fluxo de imigrantes europeus ao Brasil aumentou significativamente para substituição da força de trabalho nas lavouras brasileiras, além de enfatizar a política de Estado que previa o embranquecimento da população brasileira. Ainda em 1824, Nova Friburgo recebeu o contingente de 343 alemães no dia 4 de maio, o que a consagra como também primeira colônia germânica do Brasil. Seguido dos germânicos, vieram os italianos, portugueses, espanhóis, turcos, libaneses e japoneses.

Após o insucesso na partilha das terras em Nova Friburgo, parte dos colonos suíços que lá se encontravam foi para outras localidades serranas a fim de seguir com seu processo de colonização em terras fluminenses. O contingente de imigrantes das mais variadas partes do globo terrestre vai contribuir, juntamente com os já estabelecidos africanos, portugueses e indígenas (sob o domínio das elites brancas), para a formação do povo serrano fluminense. Na iminência das comemorações de 200 anos de existência, Nova Friburgo vivenciou mais mudanças em sua dinâmica sociocultural devido à emergência de novos setores econômicos, alterando os valores, significados e estruturas dispostas em seu território, ganhando destaque como polo do leste da Região Serrana.

A região em destaque se mantém como abastecedora de alguns gêneros alimentícios e flores provenientes da agricultura familiar local. O município friburguense também conta com o maior distrito produtor

agrícola estadual (PEREIRA, 2004, p. 78), o qual ajuda a suprir a demanda fluminense por produtos primários. Salienta-se que este município serrano dista cerca de 130 km da cidade do Rio de Janeiro, o segundo polo consumidor do País e um dos maiores da América Latina.

Nova Friburgo está subordinada à metrópole fluminense como um centro sub-regional de primeira categoria que por sua vez polariza nove centros locais (pequenos municípios) na Serra Fluminense. Dessa maneira, Nova Friburgo apresenta uma maior centralidade na hierarquia urbana da Serra Fluminense, fato que se constata no maior contingente populacional, maior PIB municipal, dentre outros índices que detectam as condições econômicas, sociais e demográficas dos municípios (IBGE, 2000, 2003, 2006, 2010; FIRJAN, 2011).

Entretanto, a dinâmica cultural fluminense apresenta o mesmo reflexo da centralização política e econômica polarizada pela cidade do Rio de Janeiro. Ao partir da perspectiva de Rolim (2012) acerca da identidade fluminense, alguns pontos sobre a história, a economia e a política devem ser levados em conta para explicar a hegemonia da capital frente ao interior fluminense. O fator que sustenta a teoria de Rolim acerca da fluminensidade gira em torno da utilização do gentílico fluminense.

Segundo Rolim, mesmo com a chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, referiam-se ao povo da província do Rio de Janeiro como fluminenses, cujo radical é flumen que em latim significa rio. Com elevação da cidade do Rio de Janeiro à condição de município neutro em 1834, os nascidos ali receberam o gentílico carioca, que em tupi significa casa de branco, embora Rolim (2012) revele que por força da tradição a elite da cidade do Rio de Janeiro continuava a ser tratada como a “sociedade fluminense”.

Entretanto, Rolim pondera que no período republicano o panorama cultural ganhará novos contornos para a dinâmica do que hoje é o estado do Rio de Janeiro. A prosperidade do café, no século XIX, foi um fator que trouxe o interior do Rio de Janeiro como a principal economia no período imperial, fato que mudou na virada do século XIX para o XX. O episódio conhecido como “A Marcha do Café” foi o fator principal para que a identidade fluminense entrasse em declínio perante o forte

sentimento de ser carioca. A ida do café para outras regiões do Sudeste, com destaque ao interior paulista, levava consigo a primazia econômica do Ciclo do Café para longe das serras do Rio de Janeiro (LAMEGO, 1963). O processo de esvaziamento do interior do Rio de Janeiro e sua decadência econômica vão ser determinantes para que a fluminensidade sofresse um processo de ostracismo (ROLIM, 2012).

A cidade do Rio de Janeiro, diferentemente, continuava como capital da República, centro industrial e referência internacional da cultura brasileira. Rolim (2012) reitera que a identidade cultural carioca não condizia com o cenário fluminense. A hegemonia carioca permanecera inabalada até 1960, quando o centro político migra para o Planalto Central. A permanência da emancipação do Rio de Janeiro enquanto estado da Guanabara sedimentava ainda mais a condição subalterna do estado do Rio de Janeiro em relação à recente unidade da federação. Pelas palavras do autor,

[...] com a transferência da capital para Brasília, em 1960, e a criação do Estado da Guanabara, aquela condição de quase colônia do Estado do Rio de Janeiro passou a ser inaceitável. Do ponto de vista político, a mudança da capital foi altamente vantajosa para o estado recém-criado (custo dos serviços essenciais por conta da União, aplicação de imposto estadual (IVC) em um único município, etc.). Ao Estado do Rio, como assim era chamado, apesar de sua condição de extensão da capital do País, nenhuma compensação. (ROLIM, 2012).

Rolim (2012) pontua que a Guanabara existiu até 1975, quando durante a ditadura militar, o governo Geisel reunifica a cidade do Rio de Janeiro como capital do estado do Rio de Janeiro, que tivera Niterói como capital durante a maior parte dos cerca de 140 anos de cisão. Ou seja, há apenas 37 anos os fluminenses unidos novamente estão a recriar sua cultura que ainda carrega muito da hegemonia da capital. Assim, apenas o tempo dirá quais contornos a fluminensidade assumirá num contexto em que desponta o setor petrolífero no Norte Fluminense; o maior complexo petroquímico da América Latina está em fase de construção nas franjas metropolitanas com a Região das Baixadas Lito-

râneas; o Sul Fluminense se destaca como polo mecânico, siderúrgico e nuclear; a Serra Fluminense com seus polos têxtil, tecnológico, agrícola e turístico; e o Noroeste Fluminense permanece como fronteira agrícola e pecuária estadual; num estado que cada vez mais se une em prol de questões como a divisão dos royalties do petróleo, críticas em torno dos megaprojetos das mais variadas ordens cujos reflexos incidem na qualidade ambiental e justiça social. Cabe a nós, fluminenses e aqueles que deixaram suas terras para viver no Rio de Janeiro, dizer quais elementos priorizaremos em nosso bem viver.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. O Cotidiano de Nova Friburgo no final do Século XIX: Práticas e Representações Sociais. Rio de Janeiro/RJ: Educam, 2008.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI. História – Europa do século XIX. Disponível em: <http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=section:historia> . Acessado em 20 de junho de 2010.

D'ONOFRE, Dan Gabriel. Hospitalidade de famílias rurais na Serra Fluminense: olhares de anfitriões. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Faculdade de Ciências Econômicas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FIRJAN. Índice FIRJAN de desenvolvimento municipal – ano base de 2009. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.firjan.org.br/IFDM/>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

HECHT, Joseph. A imigração suíça no Brasil 1819 -1823: descrita por um participante. Nova Friburgo: Missão Primícia, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa de orçamentos familiares - 2002/2003. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

_____. Meios de hospedagem no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

_____. Regiões de influência das cidades – 2007. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm> > . Acesso em: 26 jun. 2012.

_____. Censo agropecuário de 2006. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

_____. Censo demográfico de 2000. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

_____. Censo demográfico de 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

_____. Banco de dados agregados – Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. Histórico. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O homem e a serra. Rio de Janeiro: Divisão Cultural, 1963.

MACHADO, Afrânio Gismonti. Reminiscências de Carmo. Além Paraíba: Casa Cruzeiro, 1999.

PELLOSO, Angelo. Carmo: no ano do centenário da matriz. Teresópolis: Gráfica Imperatriz, 1977.

PEREIRA, José Luiz de Góes. Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Instituto de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2004.

ROLIM, Gilson Rangel. A “fluminensidade” novamente em pauta: RJ – Identidade em questão. Literatura – Vivência. Niterói, 2012. Disponível em: <<http://literaturavivencia.blogspot.com.br/2012/04/fluminensidade-novamente-em-pauta.html>>. Acesso em: 30 out. 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE. Programa de pós-graduação em Obiciências e biotecnologia. Campos dos Goytacazes. Disponível em: <http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CBB/PosBiociencia/?&modelo=1&cod_pag=2282&tabela=&np=Hist%F3ria+da+Cidade&nc=Campos+dos+Goytacazes&buscaEdicao=&grupo=PGBB&p=>>. Acesso em: 18 out. 2012.

VIEIRA, Wilson. Apogeu e decadência da cafeicultura fluminense (1860 – 1930). Campinas, SP: (s.n.), 2000. Dissertação (Mestrado em História Econômica) Instituto de Economia; Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

“Adeus Aurora
Adeus Aurora
Se despede da bandeira
Que os três reis já vai embora
Que os três reis já vai embora
Para capela em Belém
O senhor fica com deus
Que com deus nos vai também”

“O povo de Deus
No Deserto andava
E na sua frente
Jesus caminhava
Tambem sou seu povo senhor
Estou nesta estrada
Somente sua graça
Me basta mais nada”



CAPÍTULO 3

ELAS NA FOLIA: UMA ABORDAGEM SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FOLIAS DE REIS

Brisa Marinho e Ayla Vargens

SOBRE A FOLIA DE REIS

A Folia de Reis é uma manifestação cultural de caráter religioso ligada às comemorações do ciclo natalino. Acredita-se que surgiu no Brasil por volta do século XVI, trazida pelos Jesuítas no período da colonização, como instrumento de catequização dos índios e negros (Pergo, 2009). Sendo assim, carrega elementos culturais de diversos povos.

Segundo Pergo, (2009, p.2) as Falias de Reis

“são organizadas em consequência de uma promessa, sendo geralmente feita pelo mestre da Companhia ou de outra pessoa que o tenha solicitado. O compromisso é livremente assumido, porém, a folia teria por obrigação sair um mínimo de sete anos a fim de se alcançar a graça desejada”.

Durante o festejo, os foliões revivem a caminhada realizada pelos Três Reis Magos do Oriente à Belém ao encontro de Jesus. O grupo é composto por diversos personagens, dentre eles, os representantes dos reis magos, os palhaços que são os dançarinos da folia os cantores, o bandeireiro, entre outros. Além disso, a Companhia é guiada por um mestre, o qual é responsável por organizar todos os detalhes da folia.

Na frente da Companhia segue uma bandeira, também chamada de guia, com a estampa dos Reis Magos. A folia passa de casa em casa e cada morador beija a bandeira, que é um elemento sagrado para os foliões. Esse momento, marcado pelo respeito, demonstra a realidade simbólica do festejo.

A religiosidade dos participantes é um ponto marcante desta manifestação cultural. Mesmo guardando especificidades regionais, de forma geral, as Folias de Reis representam a fé e a devoção dos foliões ao Menino Jesus.

Como patrimônio cultural imaterial, a folia é um instrumento de resgate, consolidação e valorização da história local. “ Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (UNESCO, 2003).

A PRESENÇA FEMININA NAS FOLIAS DE REIS

A presença da mulher é questionada em diversas manifestações culturais. E, na Folia de Reis não é diferente. Não há um consenso sobre a participação feminina nas Companhias. Existem aquelas que vetam a participação e as que permitem parcialmente. No entanto, são poucas as folias em que a mulher participa de forma irrestrita. As justificativas para tal característica apresentam, de forma geral, embasamento histórico ou sociocultural. Porto (1982, p. 54) afirma que

“os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação também, dizem outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização.”

Além disso, restringir a participação da mulher nas Folias de Reis apenas reflete o contexto sociocultural e os costumes de nossa sociedade patriarcal.

Porém, é possível observar, que mesmo nos casos onde a presença feminina, como integrante das Folias é vetada, ainda sim, as mulheres são parte importante na sustentação das festividades integrando o que Fontoura (1997) chamou de Folia invisível. São as mulheres que trabalham na cozinha, costuram e limpam as roupas usadas nos festejos, decoram os espaços e altares, dentre outras funções.

São, muitas vezes, as responsáveis pela organização e preparação dos eventos relacionados à Folia, mas não participam publicamente da festa.

A partir de exemplos como esse, é possível afirmar que muitas vezes a atuação desempenhada nas Folias de Reis pelas mulheres, reproduz papéis sociais construídos e estabelecidos socialmente. Se torna assim, impossível não pensar a questão de gênero, quando falamos no espaço de representação feminina na Folia de Reis. Sendo gênero: “uma maneira de ser no mundo e, nessa maneira de ser, entra a forma como as pessoas são percebidas e condicionadas. Isto é, inclui o jeito delas agirem e o modo como elas se portam no mundo fruto de uma teia complexa de relações culturais.” (Gebara,2000). Gênero aqui, também deve ser percebido como um elemento de construção cultural, baseado na diferenciação, criando, portanto, relações de poder.(Scott, 1990)

Ser homem ou mulher, na Folia de Reis (e em muitos outros espaços) não representa apenas o sexo biológico de uma pessoa, mas reflete condições culturais e sociais, além de estabelecer papéis, e com isso restrições ou permissões aos sujeitos que de forma direta ou indireta, participam dessa festividade.

Em contrapartida, assim como as relações sociais são dinâmicas, mutáveis e sofrem transformações, isso também ocorre no que se refere a presença feminina nas Folias. Em diversas regiões do país tem se registrado cada vez mais a presença de mulheres nas Folias de Reis. “Em algumas delas, mulheres cantam, tocam instrumentos e carregam a bandeira, sendo maior a atuação da mulher como alferes, ou seja, a porta bandeira da folia.” (Gonçalves, 2010). Sobre a participação feminina na Folias de Reis, Padre Preguinho observou que:

“Nós estamos vendo agora que tem folia feminina, tem mulher cantando junto dos homens, quer dizer a folia não é coisa do passado e ela entende isto. É coisa do presente e até mais do que outras coisas. Está acolhendo mulheres como capitã, mulher como ajudante, coisa que não podia, no passado não podia, de hoje é normal, então a folia está entendendo uma

dinâmica muito mais forte do que a própria Igreja que ainda restringe aos homens a sua oficialidade, na folia tem mulher capitã, tem mulher que está lá no meio dos homens. Então isto para mim é um avanço muito grande, é sinal de que a folia no fundo ela está entendendo essa mensagem de passar e outra que folia ela é boa porque ela é festa de povão, mas ela é festa de família, não tem penetra em folia, é o grupo, né?” (Gonçalves, 2010)

Na cidade de Nova Friburgo, localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, existem alguns exemplos de folias onde a participação feminina se dá de forma direta e mais inclusiva nas festividades. É o caso, do grupo Unidos dos Três Reis que tem um expressivo número de mulheres (aproximadamente 1/3 dos integrantes) na sua composição, que costumam caminhar a frente do grupo, nas festividades e apresentações. Outro exemplo da Folia dos Três Reis Magos que possui uma integrante do sexo feminino há mais de 50 anos, e atualmente exerce a função de contramestre do grupo.

Vale lembrar que existem papéis tradicionalmente desempenhados pelas mulheres nas Folias, mesmo que nem todos os grupos se apresentem neste formato, ou possuam uma integrante que possa desempenhá-los. A figura da Rainha na Folia de Reis, é de extrema importância para a continuidade, organização e provimento da Folia, sua participação está quase sempre associada, à alguma promessa a ser paga pela graça recebida, e reforça o carácter de fé e religiosidade da festa. Outra figura, que podemos citar, é da cozinheira da Folia, sua importância é óbvia e essencial para a realização da Festa de Reis, e em muitos lugares “Não se torna cozinheira do dia para a noite, normalmente essa arte é fruto de uma tradição, que é repassada de mãe para filha através da oralidade e da experiência do vivido cotidianamente na realização da festa.” (Gonçalves,2010).

A exclusão (total ou parcial) das mais variadas manifestações culturais e artísticas sofrida pelas mulheres, tem suas raízes históricas e sociais bem estabelecidas e perigosamente naturalizadas, ao compararmos a quantidade de escritores, compositores, pintores,

músicos, ou intelectuais do sexo feminino e masculino ao longo da história, ficaremos chocados com a predominância do número de personalidades do sexo masculino em todos os espaços. Salvo raras exceções, os papéis sociais designados tradicionalmente às mulheres serviram para restringir as mesmas de manifestar sua arte, seus pensamentos, ou até mesmo sua fé, inclusive quando os poucos espaços permitidos à presença feminina eram e ainda são vitais para construção e continuação dessas manifestações, e raramente tendo sua importância devidamente reconhecida. Às mulheres, coube e permanece cabendo, estar apenas à margem dos acontecimentos, das festividades, da política, da arte, e de outros tantos espaços.

O trabalho e a participação feminina nas Folias de Reis, mesmo quando exercidos de forma indireta, são, muitas vezes, devidamente reconhecidos e respeitados pela comunidade da qual fazem parte. No entanto, é preciso lembrar, que manifestações culturais como as Folias de Reis, são espaços de manutenção e perpetuação da ordem social vigente, e nelas há uma tendência de reproduzir ideais da sociedade patriarcal. Mas, tanto a Cultura quanto a forma como se dão as relações sociais ambas intimamente ligadas são vivas, dinâmicas e sofrem inevitavelmente transformações no decorrer do tempo.

REFERÊNCIAS

PERGO, Vera Lucia. Os rituais nas folias de reis: uma das festas populares brasileiras. 2009.

PORTO, Guilherme. As Folias de Reis no sul de Minas. Edições FUNARTE/INF, 1982.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. Sensibilidade e performances femininas nas Folias de Reis de João Pinheiro MG. Revista Mosaico, v.3, n.1, p 521, jan./jun. 2010.

FONTOURA, Sônia Maria. Em nome de Santos Reis: um estudo sobre a Folia de Reis em Uberaba. vol. 1. Min. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1997.

BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais na Folia de Reis. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ/ IFCS, 2008.

DAZZI, Camila. Patrimônio imaterial: a representação do gênero no espaço da Folia de Reis em Nova Friburgo RJ.

Revista Extendere, jan/jun 2013. UNESCO. Convenção Para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 2003. 17p

“Mãezinha do céu
Ando por amor
Jesus é seu filho
Eu também sou
Mãezinha do céu
Eu não sei rezar
Eu só sei dizer quero te amar.”

“Os anjos estão voltando
Os anjos estão voltando
Vem para dizer que Deus esta chegando
Mas eu queria estar presente
Nesta hora
Quando ele for embora
Vou pedir para me levar”



CAPÍTULO 4

FOLIAS DE REIS DA REGIÃO SERRANA

No Brasil, principalmente no interior, acontecem as festas culturais mais ricas do folclore brasileiro, conhecidas como Folias de Reis, Reisado, Terno de Reis, Tiração de Reis, Boi de Janeiro, Boi de Reis, Cavalinho, Companhias de Pastores, Pastorinhas, entre outros. Essas manifestações culturais são praticadas pelos devotos e simpatizantes do catolicismo, com a intenção de manter viva a lembrança do nascimento de Jesus Cristo e a visita dos Reis Magos.

A Folia de Reis acontecia em toda a Península Ibérica e chegou ao Brasil no século XVI, cerca do ano de 1534, trazido pelos Jesuítas que utilizaram para catequizar os índios e, posteriormente, os negros, adotando assim, um caráter religioso que se mantém até a atualidade. Está presente em muitas regiões do país, sobretudo nas pequenas cidades dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, dentre outros.

A Folia de Reis é uma festa católica apostólica romana ligada à comemoração do Natal e representa a viagem dos Três Reis Magos, Melchior, Gaspar e Baltazar, respectivamente, astrólogos, músicos e cantores, que vieram do Oriente Médio montados em seus camelos, orientados pelos anjos e guiados por uma estrela para encontrar a manjedoura onde estava o recém-nascido Rei dos Judeus em Belém. Alguns escritores sugerem que havia mais reis magos, mas que se estabeleceram três para demarcar as etnias: amarela, branca e negra.

Durante o percurso os Reis Magos estiveram na corte do Rei Herodes para obter informações sobre onde havia nascido o grande Rei dos Judeus, e ele que se julgava o grande rei da Judéia ordenou a um capitão e um coronel que disfarçados partissem junto com magos e matassem o menino Jesus.

Diz à tradição que os Reis Magos, ao encontrarem com o menino Jesus, ofereceram ouro, incenso e mirra, simbolizando a realeza, a divindade e a imortalidade. E que o capitão e o coronel, por obra do Divino Espírito Santo, reconheceram no menino Jesus o Rei do Mundo e seguiram o exemplo dos reis magos pedindo perdão e deixando de lado a missão ordenada pelo Rei Herodes, que quando descobriu a traição, mandou matar todas as crianças com até dois anos de idade.

Toda essa passagem bíblica é recheada de misticismo e, ao dormirem, os Reis Magos ouviram uma voz dizendo que o retorno para casa deveria ser feito por outro caminho, evitando assim, um novo encontro com a corte do Rei Herodes.

Os Reis Magos pediram para Maria autorização para que pudessem comemorar com festa o nascimento do Messias Prometido e durante a viagem de retorno, eles cantavam hinos e pediam doações com o objetivo de arrecadar fundos para comemorar o dia que tiveram oportunidade de conhecer pessoalmente o Pai da Salvação. Essa data da visita dos Reis Magos ficou estabelecida no dia 6 de janeiro, e em alguns países europeus e de origem latina, especialmente aqueles de origem espanhola, esse dia tornou-se mais importante até que o Natal. Muitos países inclusive comemoram essa data e o Brasil celebra de modo particular, assumindo diferentes características em cada região do país.

No estado do Rio de Janeiro, as Folias de Reis iniciam seus giros no dia 24 de dezembro e prosseguem até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião e padroeiro do Estado. O giro é o momento onde as Folias de Santo Reis visitam as casas dos devotos que os recebem, fazendo pedidos e doações para a Bandeira, reproduzindo simbolicamente o caminho percorrido pelos Reis Magos até Belém, pois durante esse trajeto foram muitas as casas que abrigaram os reis do oriente. Normalmente, os devotos montam seus presépios no interior da casa e servem um almoço ou janta como gratidão pela vinda da folia. Nessa hora é possível verificar a presença dos saberes e fazeres presentes no campo, pois o giro permite anunciar as boas novas e fortalecer as relações entre os pares.

Além dos giros, acontecem encontros de Folias de Reis nos municípios, circuitos e festivais. Na maioria das vezes são organizados pela Associação de Folias de Reis em parceria com Prefeituras e Paróquias locais. Também acontece a festa de Arremate, geralmente na casa de moradores da folia, que recebem outras folias para festejar as graças recebidas no ano. Essas festas encerram o período de peregrinação do ano.

A bandeira sempre entra em primeiro lugar na casa ou no presépio dos Circuitos de Folias de Reis, pois é o símbolo mais importante da Folia de Reis. A bandeira fica hasteada ou com o dono da casa visitada,

enquanto isso, os foliões cantam suas toadas que versam sobre a anunciação, o nascimento de Jesus, depois o nascimento de Cristo, seguidos pela visita dos pastores, a adoração, fuga do Egito, perseguição de Herodes, o martírio e a crucificação. Todas essas etapas têm cantorias próprias e estão relacionadas com passagens da bíblia.

Antigamente, havia um número mais restrito de integrantes, pois eram apenas 14 pessoas, ou seja, 12 apóstolos de Cristo e mais dois soldados de Herodes. Todas as Folias de Reis eram compostas por homens, ficando as mulheres restritas nas tarefas mais domésticas. Ainda hoje muitas Folias de Reis são compostas somente por homens, ficando as mulheres envolvidas com reparo das indumentárias, preparação das refeições, na organização das sedes, do presépio, entre outras atividades domésticas.

Havia uma abordagem que entendia que os três Reis Magos não tinham levado suas esposas para visitar o presépio e que, portanto, essa participação poderia distorcer o sentido da representação. Apesar da predominância masculina, as mulheres, nestes últimos anos, tem ocupado funções na folia. Na Região Serrana essa participação tem sido cada vez mais expressiva, podendo inclusive verificar a ocupação em diferentes funções como mestra, contramestra, dona, bandeireira, tocadora de instrumento, palhaça, entre outras. Em alguns estados inclusive existem Folia de Reis somente de mulheres.

Na folia os componentes cumprem funções diferentes, o Mestre, conduz a folia, cantando e falando os versos, como se fosse um maestro, além de ser aquele que conhece o fundamento, as profecias e toadas; o Contramestre representa os reis magos e é quem pode substituir o Mestre, normalmente, recebe os versos do Mestre e repete o verso com ele, mas em algumas folias todos os componentes cantam; o fiscal da folia é aquele que cuida da folia, que vê as doações para a bandeira, separa o povo que acompanha a folia, que não deixa ninguém para traz; ou a presidente da folia, vice ou dono são aqueles que mexem com a parte financeira, que compram instrumentos, correm atrás de recurso para transporte, que mantém as indumentárias sempre limpas e em bom estado; os palhaços representam os soldados de Herodes disfarçados

em farrapos e máscaras, acompanham as folias sempre indo atrás para não serem notados e duelam entre si através de seus versos; e os foliões cantam e/ou tocam instrumentos como acordeão ou sanfona, viola caipira, gaita, reco-reco, violão, bandolim, cavaquinho, triângulo, pandeiro, bumbo, caixa, chocalho, entre outros.

Uma das marcas mais importante desta manifestação popular está na oralidade que garante a preservação da fé popular nos Reis Magos, nas promessas que são feitas e nos milagres concedidos. Muitas manifestações culturais e religiosas no Brasil são transmitidas de geração para geração pela cultura oral, reafirmando o fenômeno folclórico das folias de reis.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Armazém do folclore, São Paulo, Editora Ática, 2000.

BERÇACO, Ériton. Folia de reis: o canto que toca e encanta, Overmundo, net. 2007.

BOIERAS, Gabriel. Maravilhas do Brasil: festas populares. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura na rua. Campinas: Papyrus, 1989.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.

PERES, Eraldo. Fésta Brasileira: folias, romarias e congadas. São Paulo: Senac, 2010.

SILVA, Joaquim Moreira. Folia de Santos Reis. Sul Gráfica, 2003.

SILVA, Affonso M. Furtado da. Reis magos: história, arte, tradições. Rio de Janeiro, Leo Christiano Editorial, 2006.

Bandeira Estrela



La Luz do Dia



MACUCO - RJ









O Mestre João Ferreira, mais conhecido como Mestre Nico, participa de folia de reis desde os oito anos. A família por parte da mãe era toda de foliões. Ele se recorda que durante sete anos brincou como palhaço! E que entrou na folia por devoção!

Em 1957 fundou a Bandeira Estrela da Luz do Dia com familiares, amigos e vizinhos. Atualmente conta com 42 integrantes e 2 palhaços. Seus uniformes são das cores, azul e branco, porque o céu é azul e as nuvens brancas.

Apesar de nunca ter estudado, diz ter aprendido as toadas através dos ensinamentos de Deus e através de sonhos. Ele vem passando esses ensinamentos para os netos e espera que um deles continue com a devoção.

Muitos que ajudaram a criar a folia já faleceram! Entre os que fizeram a passagem está sua esposa, com quem ele sonha muitas vezes, pois em diversos sonhos ela lhe ensina algumas toadas de reis que ele canta para a filha escrever no papel para a Bandeira.

A bandeira recebeu esse nome porque um dia de madrugada Seu Nico se levantou e viu no terreiro a estrela Dalva que durante o dia não vemos por conta do sol, mas que fica o dia inteiro no céu. Seu Nico é um folião muito importante na cidade de Macuco, e em 1972, criou o Festival de Folias de Macuco.

Bandeira Divina



o Espírito Santo



BOM JARDIM - RJ









A maioria pegou amor pelas folias de reis desde criança e são muitas as histórias que relembram os tempos da infância. No Distrito de Barra Alegre, havia quatro Folias de Reis, mas foram acabando, por isso, em 1977, Jorge Castro, criou a Bandeira Divino Espírito Santo.

A primeira vez que a bandeira saiu tinha apenas duas caixinhas de couro de cabrito que, quando chovia, encolhiam deixando de emitir som e para voltar a tocar precisavam esquentar o couro no forno. Antigamente cantavam 7 a 8 casas por noite, andavam quatro a cinco horas a pé e chegavam em casa mortinhos de cansaço.

Eles ficaram parados uns sete anos por falta de componentes, pois estava saindo muita gente do campo devido ao êxodo rural. Atualmente a Bandeira tem em média uns 23 foliões e 1 palhaço, moradores do Município de Bom Jardim e de Trajano de Moraes, que participam por devoção levando às casas dos devotos a mensagem do Evangelho, contribuindo assim, para disseminar o catolicismo e reafirmar a fé. Se antes a estrela guiou os Magos, agora o que impulsiona os foliões e as foliãs é a fé.

Bandeira Nossa S



enhora Aparecida



CORDEIRO - RJ









A Bandeira Nossa Senhora de Aparecida tem cinco anos de devoção, mas seus integrantes saíam em outras folias antes. Quando ela começou tinha 18 integrantes e atualmente são mais de 32 foliões e 1 palhaço. Para eles a Folia de Reis significa devoção e é também a representação da adoração dos três Reis Magos ao menino Jesus na manjedoura. Essa passagem bíblica está relatada no capítulo 2 do livro de São Mateus ou no Evangelho segundo Mateus.

As vestimentas que a Bandeira utiliza são fruto de doações de parceiros que os presenteiam com tecidos. Essas doações são muito importantes, pois normalmente as folias não têm muitos recursos para investir. Depois os foliões se reúnem e juntam um dinheirinho para a costureira confeccionar as vestimentas, que em geral, são semelhantes a uma farda militar e baseadas pelos personagens: o mestre, o contra-mestre, o palhaço, os foliões e foliãs, os três magos.

A maior dificuldade vivenciada pela Bandeira tem sido aceitar os convites para visitar algumas comunidades, festivais e festas de arremate, pois na maioria das vezes não conseguem o transporte. Também costumam ter dificuldade em realizar com frequência a manutenção nas baterias.

Bandeira Estrela



do Oriente Mirim



BOM JARDIM - RJ









A Bandeira Estrela do Oriente Mirim é composta por mais de 23 Foliões e 2 palhaços, envolvendo crianças, adolescentes e jovens, moradores de Jardim Boa Esperança no Município de Bom Jardim.

Dona Fátima Alexandrina Mato assistia a criançada brincar de bater latinha e de cantar música de folia pelas ruas da comunidade. Certa vez, fez uma promessa por conta de problemas de saúde e se comprometeu a organizar uma folia mirim. Começou a chamar a criançada que se animou e desde 2006 a Folia Mirim vem cantando suas trovas!

A Folia de Reis é uma manifestação popular de origem portuguesa ligada às comemorações do culto católico do Natal, trazido para o Brasil ainda nos primórdios da formação da identidade cultural brasileira, e que ainda hoje se mantém viva nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país. A presença infanto-juvenil nas Foliias de Reis é a continuidade da resistência cultural e a manutenção desta importante manifestação cultural e popular. Tem sido cada vez mais presente a participação de crianças e adolescentes nas folias.

Bandeira Es



trêla do Dia



DUAS BARRAS - RJ









A Bandeira Estrela do Dia tem 43 anos e tem em média 18 a 20 foliões e 4 palhaços que saem por devoção. A maioria trabalha na roça! Foi criada pelo pai do Contra Mestre Silvino da Silva que continuou com a devoção. Durante 23 anos ele tocou a folia com a esposa Mestre Marli Teixeira, calangueira, nascida em Sumidouro, que começou tocando tarol, depois acordeão, trompete e bombardino. Atualmente ela é quem vai continuar com a folia, pois fez uma promessa para o marido que enquanto tivesse com saúde estaria saindo com a bandeira.

Costumam pedir aos devotos, quando visitam suas casas, para fazerem um pedido a bandeira e quando o mesmo é concedido orientam que se ofereça algo para o santo, seja uma fita, um copo d'água, uma vela, entre outros. Eles disseminam a religião Católica, os 10 mandamentos, o padecimento de Jesus Cristo e também de São Sebastião.

Eles rezam do dia 24 de dezembro até dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Cada folia tem uma "toada", ou seja, uma cantiga de harmonia simples e de composição com estrofes e refrão. Tem também uma oração, a Ave Maria e o Pai Nosso, por exemplo, foram orações ensinadas pelo Pai eterno e de todas as orações essas são as primeiras que eles aprenderam e que rezam.

Bandeira Est



rela da União



MACUCO - RJ









A Bandeira Estrela da União foi criada há 14 anos por devoção. Ela já teve vários donos, mas atualmente é Seu Jair Felix que está com essa responsabilidade. Tem 15 foliões e 3 palhaços, vizinhos e moradores do bairro da Volta do Umbigo.

A tradição na Folia de Reis é valorizada pelos foliões, principalmente os mais antigos, que acreditam na força dos Santos Reis e sabem da importância da oralidade e da convivência para a preservação desta manifestação popular e cultural, por isso, há muitas crianças participando da folia.

Eles precisaram parar durante um tempo, por conta das dificuldades financeiras para manter, garantindo os giros, as participações nas jornadas, nos festivais, e festas de arremates, mas a devoção é mais forte que as dificuldades enfrentadas e logo retornaram novamente. A Folia de Reis para os foliões e palhaços é um ritual sagrado que retrata através dos hinos, ou, canções, as passagens da Bíblia. Eles gostam muito de cantar canções para os Santos Reis e para Nossa Senhora Aparecida.

Bandeira Nossa S



Senhora de Nazaré



CANTAGALO - RJ









O Mestre Eloy de Oliveira Lugão, lavrador, trabalha num sítio arrendado em Cantagalo, e participou de várias folias ao longo de mais de 30 anos. Há três anos resolveu colocar a sua bandeira na estrada envolvendo amigos, vizinhos do bairro Novo Horizonte e familiares.

Toda família integra a folia! Tem primo de primeiro, segundo e terceiro grau!!! A folia conta com 18 foliões e 2 palhaços que se envolvem com a bandeira por devoção. Normalmente as folias são compostas por familiares de vários graus de parentescos e de diferentes gerações e também por moradores da mesma comunidade.

Ele mantém a Bandeira Nossa Senhora de Nazaré com recursos próprios e chegou a trocar o seu carro por uma Kombi para garantir transporte para os integrantes da folia. O transporte dos foliões também é feito com carros dos familiares e amigos que ajudam a bandeira circular nas jornadas.

Bandeira Unid



do dos Três Reis



NOVA FRIBURGO - RJ









A Bandeira Unidos dos Três de Reis está na estrada há 55 anos e, atualmente, tem 22 foliões e 2 palhaços que participam por devoção e fé. É a folia de Nova Friburgo com o maior número de mulheres. Elas sempre estão à frente da Folia, tocando instrumentos, cantando ou como bandeireira.

Ainda hoje muitas folias de reis são compostas somente por homens, ficando as mulheres envolvidas com reparo das indumentárias, confecção das refeições, na organização das sedes, do presépio, entre outras atividades domésticas. Antigamente existia uma abordagem que entendia que os três Reis Magos não haviam levado suas esposas para visitar o presépio e que, portanto, essa participação poderia distorcer o sentido da representação.

Apesar da predominância masculina ao longo dos últimos anos cada vez mais as mulheres têm ocupado funções na folia. Em alguns estados inclusive existem Folia de Reis somente de mulheres. A Bandeira Unidos dos Três Reis é um estímulo para as mulheres da região que querem ser foliãs.

Bandeira Estr



ela do Oriente



CARMO - RJ









A Bandeira Flor do Oriente foi criada no dia 10 de dezembro de 2010 por Marineuza Chaves da Silva e Benedito Sthadeu Soares Rodrigues (Dito Gavião). Atualmente reúne mais de 20 componentes, todos moradores de diferentes bairros do Município do Carmo.

Todo ano eles iniciam o giro na meia-noite do dia 24 para 25 de dezembro visitando as casas dos devotos de Santos Reis e São Sebastião. A jornada encerra a meia-noite do dia 20 de janeiro.

Realizam a Festa de Arremate numa data onde todos os foliões estejam de acordo e sempre convidam folias de outras cidades. As Festas de Arremate encerram o ciclo dos giras realizadas pelas folias de reis ao longo de um período e também é o momento de agradecimento e distribuição das dádivas recebidas durante as jornadas. Normalmente acontecem sempre nas casas das famílias organizadoras de folias e contam com a participação de folias amigas que são convidadas para o festejo.

Bandeira Sa



anta Cecilia



CORDEIRO - RJ









A Bandeira Santa Cecília foi criada por devoção pelo Francisco José Feijó, mais conhecido como Chiquinho Feijó, poeta da literatura popular, que com versos de improviso e histórias divergidas encantava o público. Ela foi criada em Boa Sorte no dia 13 de dezembro de 2006 e foi fundada no dia de Santa Cecília em homenagem a padroeira dos músicos.

Atualmente participa da folia uma média de 28 a 35 foliões e 3 palhaços, parentes e amigos dos foliões. A Bandeira normalmente visita uma média de 40 casas, saindo todo final de semana para um bairro de Cordeiro. Para os foliões o mestre é Jesus, pois eles estão apenas pregando a palavra em nome de Jesus Cristo.

A festa do encerramento acontece sempre na primeira semana de maio com a participação de umas 15 folias convidadas. Seus uniformes são feitos com a ajuda dos próprios foliões. A cor inicial da folia era o azul e branco, por conta da cor do mar e do céu, mas com o tempo foram adquirindo outras vestimentas e atualmente eles tem uns cinco uniformes.

Bandeira Flor dos An



Reijos do Valão do Barro



SÃO SEBASTIÃO DO ALTO - RJ









A Bandeira Flor dos Anjos foi criada há mais de 130 anos por pessoas devotas. A Bandeira passou de geração em geração, pois conforme os mestres faziam sua passagem, os parentes pegavam a missão de continuar com a Folia mantendo a história e os costumes durante esse período. É uma bandeira antiga de jornada!

Segundo o Mestre José da Conceição o nome da bandeira vem da devoção que Dona Luiza (uma das fundadoras da bandeira) tinha pelas crianças. Atualmente a bandeira conta com 22 a 30 foliões e 2 palhaços, grande parte se envolveu com a folia ainda quando era jovem. Tem apenas uma única mulher que cumpre o papel da bandeireira representando Maria durante o sacrifício do cruzeiro, quando ela recebia seu filho morto e o abraçava com amor.

Para os foliões cantar reis é uma missão, pois a Folia representa Jesus Cristo andando com seus apóstolos pelo mundo e os Três Reis Magos levando incenso, ouro e mirra para o menino Jesus. A folia é um espaço sagrado que permite difundir a história de Jesus Cristo que veio para o mundo para ser crucificado para salvar e perdoar os pecados da humanidade.

Bandeira Fl



Cor dos Anjos



CANTAGALO - RJ









A Bandeira Flor dos Anjos foi fundada há aproximadamente 36 anos por Geraldo Rodrigues dos Santos, dono da folia, devido à uma promessa feita pela saúde de seu filho. É muito comum as folias serem organizadas em decorrência do pagamento de uma promessa que deve ser cumprida durante sete anos no mínimo para que a graça seja alcançada. São diversos os motivos que levam os foliões a fazerem promessas, mas podemos destacar, principalmente, a cura de doenças. Durante a cantoria são cantados versos que abordam as promessas feitas pelos devotos.

Atualmente participam uma média de 25 foliões e 2 palhaços, sendo familiares e vizinhos da comunidade de Campo Alegre no Município de Cantagalo. Geraldo relatou que no giro a folia costuma frequentar outras localidades e municípios, mas que percebe, nos últimos anos, o crescente afastamento da igreja e da fé cristã, por parte das pessoas, o que tem dificultado a recepção das Folias em alguns locais e casas.

Bandeira Irmandade



Cidade São Cristóvão



NOVA FRIBURGO - RJ









A Bandeira Irmandade São Cristovão tem 20 anos de jornada e foi criada pelo Mestre Horizonte Aguiar da Rocha que participa de folias desde pequeno, pois sua família era de rezeiros. A folia foi fundada na cozinha da casa do Mestre Horizonte e até hoje tem seu santuário reservado nesta parte da residência. A Bandeira viveu muitas tragédias, perderam a casa onde guardavam os uniformes e instrumentos. A sede atual está na casa do Mestre Horizonte.

Atualmente são 27 foliões e 4 palhaços que compõem a Bandeira que é o símbolo da Folia de Reis, pois quando Jesus nasceu, os três reis foram guiados pela estrela da guia. Eles seguem a Bandeira que simboliza a estrela da guia, saindo em devoção aos três Reis do Oriente. Muitos foram os milagres que a Bandeira concedeu aos foliões, por isso, sem a bandeira dizem que não são nada.

Todos que integram a folia cumprem um papel importante, o contramestre não é um folião simples, pois é ele quem substitui o mestre, por isso, tem que conhecer as escrituras sagradas. Tem os palhaços que fazem a comparação com o Rei Herodes e os músicos que tocam e cantam os refrões das toadas. Eles foram os primeiros a contar com a participação de mulheres na folia em Nova Friburgo, pois antigamente só havia homens nas folias.

Bandeira J



Três Marias



DUAS BARRAS - RJ









A Bandeira Três Marias foi criada pelo Mestre Odair Oliveira que sempre saía em folias com o seu pai Alevindo Gabriel. Este último sonhava em criar uma folia, mas por conta de um acidente com os filhos, que se queimaram ao encontrar no lixo um vidro com explosivo, acabou ficando impossibilitado de realizar tal feito.

Há 16 anos, Odair Oliveira pegou a responsabilidade de tocar a folia. Os componentes são, na maioria da família, irmão, sobrinho e filho. No início era promessa, mas agora é devoção. Durante sete anos eles pagaram a promessa.

O nome da Bandeira foi dado pelo Mestre Firmino Marculino que também era de Duas Barras, mas que para eles, encontra-se no reino dos céus. Para eles a Folia de Reis é importante porque conhecem desde criança e tem muitas coisas que já pediram aos Santos Reis e foram atendidos com graça.

Em meados de dezembro, começam a se reunir para ensaiar e cantar juntos, iniciando a peregrinação em 25 dezembro até 6 de janeiro, e encerrando no dia de São Sebastião!

Bandeira Fl



Cor dos Anjos



S. SEBASTIÃO DO ALTO - RJ









A Bandeira Flor dos Anjos de Cantagalo foi criada há 22 anos pelo Mestre Mirair do Azevedo que havia feito uma promessa para o Santo Reis encontrar sua filha que havia se acidentado durante um banho de lagoa. Ele sempre esteve envolvido com Folia de Reis, mas depois desta promessa sua devoção ficou mais forte, pois para ele foi um milagre ter encontrado a filha. Apenas durante um ano deixou de sair com a Bandeira, pois havia perdido seu segundo filho num outro acidente trágico, mas com o apoio de familiares e vizinhos retornou para os giros com a fé renovada.

Toda a família sempre esteve envolvida com folia, sua filha era pastorinha e seu filho sanfoneiro. Para ele é importante envolver as crianças na folia desde pequenas para que possam ter devoção, por isso, sempre apoiou a Folia Mirim da Escola Municipal Julio Vieitas. Se pudesse criava mais uma ou duas folias, pois para ele as crianças da cidade gostam muito de participar da folia.

A bandeira lhe deu muitas graças e sempre que começa o período do giro ele se sente leve com a devoção. Atualmente, a folia tem 24 foliões, 6 pastorinhas e 2 palhaços. Todos são parentes, amigos e vizinhos da localidade de Santa Irene. Eles chegaram a ser contemplados num edital de apoio a cultura popular que possibilitou comprar novos uniformes, sanfona, entre outros equipamentos.

Ó mineiro-pau, ó mineiro-pau
O mineiro-pau vem batendo
O mineiro-pau

Que nem mulher traiçoeira
Olha o pau mineiro
Se achegou bem devagar
Olha o pau mineiro
Se armou pra dar o bote
Olha o pau mineiro
De repente ma atacar
Olha o pau mineiro

Ó mineiro-pau, ó mineiro-pau...

Olha a rodilha dela
Olha o ao pau mineiro
Debaixo do pé de Ingá
Olha o pau mineiro

Ó mineiro-pau, ó mineiro-pau
O mineiro-pau vem batendo
seu porrete
O mineiro-pau

Meu cacete é de braúna
Olha o pau mineiro
Guardado lá no quintal
Olha o pau mineiro
Pra pegar o meu porrete
Olha o pau mineiro
Atravessei o matagal
Olha o pau mineiro

No meio do matagal
Foi que a gente se enroscou
E depois foi lá no fórum
Que a gente se amarrou
Eu não tava preparado
Pro bote que ela armou
Carregou tudo que eu tinha
Quando a gente separou

Martinho da Vila

CAPÍTULO 5

MINEIRO PAU DA REGIÃO SERRANA

Mineiro Pa



em Salinas



NOVA FRIBURGO - RJ

O MINEIRO PAU NO CENTRO DE FORMAÇÃO FAMILIAR POR ALTERNÂNCIA ESCOLA MUNICIPAL REI ALBERTO I

Não existe consenso entre os moradores e os praticantes sobre como o Mineiro Pau começou na região de Salinas, Três Picos e São Lourenço, em Nova Friburgo (RJ), também não se encontram pesquisas acadêmicas com essa informação específica. Mas é inegável sua presença marcante na cultura da região, há pelos menos, algumas décadas.

No ano de 2002, teve início uma iniciativa de resgate e valorização do Mineiro Pau dentro de uma das escolas da região. O Centro Familiar de Formação por Alternância Escola Municipal Rei Alberto I, trabalha no seu projeto pedagógico dentro das diretrizes da chamada “Pedagogia da Alternância”, que dentre muitas outras especificidades, procura abordar no espaço escolar conteúdos que valorizem o meio sociocultural dos alunos. Após assistir uma apresentação, na própria escola, de um grupo de Mineiro Pau tradicional na região, a então professora de educação física do ensino fundamental Elisa Lopes Vargens, dialogando com os alunos descobriu que muitos deles eram netos, sobrinhos, primos ou filhos de integrantes dos grupos de Mineiro Pau da região, e alguns inclusive já sabiam vários movimentos e batidas. Segundo a professora Elisa, os alunos mostraram imediatamente interesse em formar um grupo de Mineiro Pau dentro da escola.

Para formação do grupo, para o maior conhecimento dos movimentos e batidas e realização dos primeiros ensaios, a professora conta que também foi fundamental a ajuda de Seu Hermínio, (antigo morador da região, figura muito conhecida e constante parceiro da escola em diversas atividades, que era integrante de grupos de Mineiro Pau tradicionais da região) e também de outros familiares de alunos que ajudavam e participavam da parte musical nos ensaios e apresentações, tocando caixa, triângulo e acordeom; parte essa, que segundo a professora, era a maior dificuldade dos alunos no início.

Esse grupo teve duração enquanto a professora Elisa Vargens



esteve trabalhando na escola, entre 2002 e 2008. Durante esse período participaram do grupo, alunos tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, inclusive segundo a professora, alguns alunos após se formarem no ensino médio se colocavam a disposição para participar e auxiliar nos ensaios e apresentações, sempre que fosse necessário. O grupo de Mineiro Pau da escola, teve em média de 15 a 20 integrantes durante sua existência, mesmo com a inevitável rotatividade de alunos que iam se formando. Apesar da maioria deles ter sido composta por meninos, nos últimos anos do grupo algumas meninas também começaram a participar, *“o Mineiro Pau de Salinas, era batido com muita força, com madeiras grossas e pesadas, às vezes eles se machucavam por usarem muita força física, na medida que os alunos começaram a se familiarizar com a noção de ritmo no Mineiro Pau, as batidas foram ficando mais suaves e acho que por isso as meninas começaram a se sentir mais convidadas à participar do grupo”* comentou a professora; além disso, na região os grupos de Mineiro Pau mais antigos são tradicionalmente compostos apenas por integrantes do sexo masculino. Outro fato curioso relatado pela professora é que os alunos que integraram (especialmente no início) o grupo, muitas vezes eram os alunos tidos como *“os mais agitados”*, mas quando se tratava dos ensaios e apresentações os alunos *“eram extremamente comprometidos e responsáveis”* nesses momentos.

Os ensaios aconteciam sempre dentro do espaço da escola, normalmente nas aulas de educação física. Mas o grupo de Mineiro Pau da Escola Municipal Rei Alberto I, se apresentou em diversos espaços fora da escola, como em festas juninas de outras escolas (inclusive fora de Nova Friburgo), na Casa de Cultura de Bom Jardim, no SESC de Nova Friburgo entre outros locais e eventos. De acordo com Elisa, sempre houve total apoio da direção da escola e da Secretaria de Educação Municipal, além do orgulho e apoio incondicional dos pais e responsáveis pelos alunos e de toda comunidade, inclusive fornecendo diversos materiais para o grupo como as madeiras, chapéus, ou instrumentos.

Infelizmente, após a saída de professora Elisa da escola em 2008, o grupo não teve uma longa continuidade. A professora Erika,

da disciplina de artes no ensino médio (que também não está mais no colégio atualmente), procurou junto com o mestre de capoeira Fabiano, (que na época, desenvolvia na escola o projeto Mais Educação) dar continuidade aos ensaios do grupo, mas o mesmo não conseguiu se manter.

Iniciativas como essa são de extrema importância para o resgate e para a continuidade de manifestações culturais, especialmente nas regiões rurais, onde a interferência dos modos de vida do meio urbano e a desvalorização dos saberes locais, tem se dado de forma cada vez mais agressiva e presente, principalmente entre a juventude do campo. Nesse sentido, a escola se torna um espaço vital para esse resgate e deve buscar, como foi feito neste grupo de Mineiro Pau da Escola Municipal Rei Alberto I, procurar despertar nos jovens e na comunidade, a consciência da valorização de seu modo de vida e de seu rico patrimônio material e imaterial.





Foto do Dia da Visita ao Grupo Cara de Rua de Miracema Foto do Dia da Visita ao Grupo C

Vieira Batista



Cara de Rua de Miracema

BOM JARDIM - RJ

MINEIRO PAU NA ESCOLA MUNICIPAL VIEIRA BATISTA

No ano de 2009, a Escola Municipal Vieira Batista, localizada em Santo Antonio, no município de Bom Jardim, deu início a suas atividades visando aplicar em seu projeto político-pedagógico a “Pedagogia da Alternância”, em parceria com o instituto IBELGA.

Assim como na Escola CEFFA Rei Alberto I, em Nova Friburgo, a formação de um grupo de Mineiro Pau dentro da escola se deu por iniciativa da Professora Elisa Lopes Vargens (na época no cargo de direção da Escola Municipal Vieira Batista) e dos próprios alunos do ensino fundamental. A inspiração para esse movimento aconteceu, segundo a professora, quando o grupo de Mineiro Pau do CEFFA Rei Alberto I fez uma apresentação na primeira festa junina da Escola Vieira Batista, e após isso, surgiu a ideia de fazer uma oficina com os alunos que se mostraram interessados por essa manifestação cultural.

De acordo com Elisa, para o início da formação do grupo, foi fundamental a parceria com o equipamento educativo de cultura, Sobrado Cultura Rural, um ponto de cultura rural, localizado também em Santo Antônio, que além do incentivo também promoveu uma visita de intercâmbio ao grupo “Cara de Rua” no Município de Miracema, intermediou uma apresentação na Rio+20 e oficinas de dança com artistas convidados. Essas experiências e parcerias foram importantes, principalmente, porque a maior parte dos alunos não era tão familiarizada com essa manifestação cultural que vem se perdendo com o tempo na região.

Os ensaios aconteciam durante as aulas de educação física, e contavam com a participação de em média 10 a 15 alunos, sempre de ambos os sexos. Nas apresentações o grupo de Mineiro Pau da Escola Vieira Batista, utilizavam-se músicas tradicionais de Mineiro Pau, tocadas em um sistema de som. Essas músicas foram resgatadas por outra professora da Escola Municipal Edmo Benedicto Corrêa localizada em Bom Jardim, que também procurou trabalhar com seus alunos a valorização dessa cultura popular, e em sua pesquisa encontrou músicas específicas para apresentações de Mineiro Pau, que foram repassadas em parceria para professora Elisa.

O grupo contou sempre com total apoio dos responsáveis pelos alunos e da comunidade, bem como da Secretaria Municipal de Educação, principalmente no que se referia ao transporte para locais de apresentação. O Mineiro Pau da Escola Municipal Vieira Batista se apresentou em diversos espaços em Bom Jardim, Nova Friburgo, e também no Rio de Janeiro, representando a cultura local e os saberes tradicionais do interior do Estado do Rio de Janeiro.

Infelizmente, devido ao acúmulo de funções educacionais e administrativas dentro da escola, a professora Elisa não teve condições de dar continuidade as atividades; sendo assim o grupo chegou ao fim de suas atividades em 2012.

Recentemente, no final do ano de 2015, a Escola Municipal Vieira Batista, foi fechada por um decreto da Secretaria Municipal de Educação, seguindo um padrão de total descaso e desvalorização do modo de vida e da cultura das populações moradoras de regiões rurais. Atualmente no país foram fechadas mais de quatro mil escolas do campo fazendo com que percamos mais um local de importância fundamental para a comunidade, de valorização e continuidade das manifestações culturais locais, e de integração entre membros de comunidades vizinhas.





an do Café



BOM JARDIM - RJ



MANEIROS DO CAFÉ

Idealizado pela antiga Secretária de Educação de Bom Jardim, Rozeli Corrêa, e concretizado pelas professoras Andréa Sardinha e Valdineia Dias, o grupo de Mineiro Pau, chamado “Maneiros do Café” surgiu em 2007 na Escola Municipal Edmo Benedicto Corrêa, com o objetivo de resgatar e valorizar essa manifestação cultural na região. Liderado pelas professoras Andréa e Valdineia, e composto por meninos e meninas alunos da escola, o grupo não possuiu participantes fixos, sendo renovado a cada ano para que diferentes alunos tivessem a oportunidade de entrar em contato com a tradição.

O nome “Maneiros do Café” surgiu pelo fato da cultura do café ser muito forte na região onde está localizada a Escola Municipal Edmo Benedicto Corrêa. Nas apresentações foram introduzidos alguns personagens folclóricos e de representação regional como o boi bumbá, o jaguará e a siriema. A dança era marcada pela professora Andréa, e ritmada pela ex-diretora Valdineia. A apresentação acontece em cinco momentos específicos: entrada, momento de oração, aquecimento, dança e saída. A arte da dança do Mineiro Pau, além de valorizar a riqueza cultural da região, favorece a integração dos alunos e desenvolve potencialidades motoras, afetivas e cognitivas. Cada manejo tem nomes específicos, conforme o número e as formas da batida, alternando-se entre “batidas de quatro”, “batida cruzada”, “batida no meio”, etc.

A dificuldade de patrocínio e a saída de Valdineia da direção da escola em 2013 levaram à desintegração do grupo. Portanto, neste mesmo ano foi feita a última apresentação dos Maneiros do Café. Em seus seis anos de existência, o grupo realizou diversas apresentações e se tornou referência na região. Atualmente representa o município de Bom Jardim no Mapa de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Claudio Paolino:

foto da capa, 4, 6, 8, 10 a 12, 13 (1), 15, 17 a 19, 21, 38, 60, 66/67, 72/73, 74 a 80, 81 (1), 84 a 97, 102 a 105, 108 a 110, 114/115, 117 (1 e 2), 118 a 134, 138 a 140, 144 a 149.

Bruno Leão:

13 (2 e 3), 17 (2 e 3), 69 (3), 81 (2), 98 (1 e 2), 99 (2), 100 (2), 101, 117 (3), 137, 143.

Vinícius Manhães:

16 (1 e 2), 25 (3), 52, 68, 69 (1 e 2), 82, 83, 70, 71, 94, 98 (3), 99 (1), 100 (1), 106, 107, 111 a 113, 116, 135, 136, 140 a 142, 152 a 155.

“Adeus que eu já vou me embora
Vocês ficam com Deus
Eu vou com Nossa Senhora”

Mestre Antonio Gonzaga de Macuco

Folia de Reis e Mineiro Pau

ISBN: 978-85-65360-03-6

Patrocínio:



SECRETARIA
DE CULTURA

Parceria:



Realização:

INSTITUTO DE
MAGEM
E CIDADANIA



ESTA PUBLICAÇÃO FOI POSSÍVEL POR CONTA DO EDITAL Nº 15/2012 DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DE MUSEUS E INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS DA SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO – SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS.